



## FÁTIMA TRINCHÃO: CANTANDO A ÁFRICA E RESSIGNIFICANDO A DIÁSPORA<sup>1</sup>

### FATIMA TRINCHÃO: SINGING AFRICA AND MEANING THE DIASPORA

Joelia de Jesus Santos<sup>2</sup>

Jailma dos Santos Pedreira Moreira<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho aborda a escrita afro-feminina de Fátima Trinchão, mostrando como nos poemas desta poeta ancestralidade africana e a ideia de África-mãe se entrecruzam. Objetiva-se, com isso, analisar de que maneira a poeta Fátima Trinchão cultua os laços ancestrais com os antepassados d'África e investigar em que medida a sua poética subverte a imagem negativa sobre o continente africano. Nesse sentido, buscando visibilizar a produção literária desta poeta baiana, cuja trajetória se inicia no século XX, com base em autores como Duarte (2009), Dalcastagnè (2007), Santiago (2010) A. Hampaté Bâ (2010), realizamos um estudo de caráter bibliográfico que possibilitou perceber a potência criativa da literatura afro-feminina.

**Palavras-chave:** Literatura afro-feminina. Fátima Trinchão. Ancestralidade. Mãe-África.

**Abstract:** The present work deals with the Afro-feminine writing of Fátima Trinchão, showing how in the poems of this poet African ancestry and the idea of mother Africa intertwine. The objective is to analyze how the poet Fátima Trinchão cultivates ancestral ties with the ancestors of Africa and investigate the extent to which his poetics subverts the negative image of the African continent. In this sense, seeking to visualize the literary production of this Bahian poet, whose trajectory begins in the 20th century, based on authors such as Duarte (2009), Dalcastagnè (2007), Santiago (2010) A. Hampaté Bâ (2010), we carried out a study bibliographic character that made it possible to perceive the creative power of Afro-feminine literature.

**Keywords:** Afro-feminine literature. Fátima Trinchão. Ancestrality. Mother-Africa.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 03 de junho de 2020 e aceito em 03 de agosto de 2020.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), tendo defendido, em março de 2020, a dissertação intitulada *Escritoras negras baianas: produção literária e mercado editorial*. Número de registro no Orcid: 0000-0002-5361-1687. Endereço eletrônico: josantos\_17@hotmail.com.

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade Estadual da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Número de registro no Orcid: 000-002-6201-1499. Endereço eletrônico: jailmapedreira@uol.com.br.

## Introdução

A produção literária brasileira vem, desde o século XX, e até mesmo antes, sendo tensionada pelas vozes femininas, que cada vez mais se fazem presentes no conjunto das letras nacionais. Tendo acessado os recursos que outrora lhes impedia de escrever suas próprias narrativas, muitas mulheres passaram a enunciar o discurso literário, dando provas de sua enorme capacidade criativa. E, se antes havia poucas mulheres escrevendo, era porque a função de escritor ainda estava restrita a figura masculina, que desde sempre monopolizou a arte de fazer literatura. Por esta razão, o projeto mais amplo da escritura de autoria feminina demorou a se consolidar e apresentar-se como uma vertente literária com características próprias. Podemos também dizer que essa consolidação ainda está em processo, se considerarmos as dificuldades de produção, publicação e circulação que ainda podem interditar um discurso feminino literário, embora este tenha buscado meios alternativos de se fazer existir.

Dentre as muitas escritoras, aqui em específico as escritoras negras, que, de alguma forma, burlaram estes impeditivos e publicaram no século XX, contribuindo para a formação da literatura afro-feminina, as baianas Aline França e Fátima Trinchão, autoras de novelas e poemas, respectivamente, foram as mais representativas no cenário literário baiano. Em vista disso, buscando visibilizar os nomes destas escritoras que, apesar da importância, não tem o merecido reconhecimento, neste trabalho as referenciamos de modo a destacar e combater o processo de apagamento pelo qual elas passaram. Com isso, conforme nosso recorte, analisaremos os poemas de Fátima Trinchão, publicados no portal *Recanto das Letras*, a fim de trazer reflexões sobre uma escrita que, inclusive, se dá fora do suporte livro.

Do conjunto de mais de cento e cinquenta poemas publicados no portal *Recanto das Letras*, selecionamos quatro poesias que apresentam temáticas, sonoridade e construção estética semelhantes. Procedendo desta maneira, realizamos a análise dos textos poéticos selecionados, ressaltando o culto a ancestralidade africana e a representação da África-Mãe, ou seja, marcas dessa escrita afro-feminina. Para analisar a categoria teórica ancestralidade, nos baseamos nos estudos de Mesquita (2016), Machado (2014) e Oliveira (2005); a expressão África-mãe é entendida a partir de Santos (2012) e Ribard (2008).

Trata-se, portanto, de um estudo que visa desvelar a escrita da poeta baiana Fátima Trinchão, suas marcas, aqui em destaque os laços ancestrais com a mãe-África, sua resignificação, trazendo a lume uma

discussão que lhe confere visibilidade, assim como acaba problematizando as razões pelas quais uma escritora como esta permanece no limbo. Desse modo, tal estudo também nos sugere uma reflexão, como sinalizamos, sobre as formas de publicação dessa e de outras escritoras subalternizadas, nos fazendo pensar tanto nas interdições, como nos caminhos alternativos que esta escrita feminina tem encontrado para fazer circular sua produção, convidando-nos a um maior conhecimento dessa textualidade, em enfoque a de Fátima Trinchão e, dada sua importância, a um posicionamento nesse processo.

### **Autoria afro-feminina: escritoras negras do século XX**

Durante muito tempo a literatura brasileira fora marcada quase que exclusivamente por uma subjetividade branca e masculina, haja vista que aos negros e mulheres era negado a função de escritor(a). Somente nos últimos dois séculos tem-se notado uma maior presença de narrativas literárias produzidas por sujeitos, até então, representados em textos escritos por outrem. E o século XX é, sem dúvida, o período em que as mulheres negras começam a enunciar o discurso literário com mais frequência, representando a si e apresentando uma visão de mundo diferente daquela postulada pelos representantes do cânone brasileiro. Então, dá-se início a um projeto literário afro-feminino que vem revelando um outro modo de fazer literatura.

Enquanto personagem, de acordo com Eduardo de Assis Duarte (2009), a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde as primeiras narrativas literárias. De Gregório de Matos Guerra a Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, especialmente, segundo esse autor, no que tange à representação estereotipada sobre o corpo afro-feminino, geralmente hipersexualizado. Isso ocorre, uma vez que, conforme Regina Dalcastagnè (2007), tal como outras esferas de produção de discurso, o campo literário brasileiro também é um espaço de exclusão. Portanto, conclui a pesquisadora: “nossos autores são, em sua maioria, homens, brancos, moradores dos grandes centros urbanos e de classe média – e é de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens, que são construídas suas representações” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 18).

Deste modo, o que se problematiza aqui não é a ausência propriamente dita, mas uma presença da mulher negra na literatura que é afirmada a partir de uma visão distanciada, que objetifica os sujeitos, outrora impedidos de falar de si e por si. Esse olhar distanciado sobre as afrodescendentes, con-

forme Proença Filho (2004, p. 161), “[...] configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema”. Nesse sentido, com o intuito de não mais ser objeto, as mulheres negras irrompem de seus silêncios e passam a representar-se, mostrando toda potência do subalterno.

Para Miriam Alves (2011), ser mulher e escritora no Brasil significa romper com o silêncio, a não-fala e transpor os limites do lar, onde a mulher foi confinada com o propósito de proteção do contato externo. Sobre isso a pesquisadora Jailma Moreira (2015) fala-nos da dificuldade desse processo de reescrita de si. Dificuldade de romper com um discurso que se disseminou como verdade e por muitos foi introjetado, inclusive por mulheres negras. Dificuldade por que este ato de rompimento com o silêncio, este deslizamento de si, para tornar-se escritora, sendo mulher, negra, muitas vezes pobre, distanciada de centros considerados de produção, não tem contado com políticas públicas efetivas no Brasil. Mas, Miriam Alves, diante de tais interdições, ainda reforça que ser mulher, escritora, no Brasil “é também dispensar a mediação da fala, delegada e exercida em última instância pelo homem investido do poder falocrático” (ALVES, 2011, p. 183). Portanto, nesse campo de interdições, a escrita de mulheres faz com que as vozes femininas silenciadas ecoem alto e demarca o lugar de fala do sujeito feminino. De acordo com Djamila Ribeiro (2017), todas as pessoas falam de uma localização social, e saber de que lugar se está falando é importante para que possamos debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade.

Por isso, por falar de um lugar social diferenciado, geralmente mulheres produzem uma textualidade que se diferencia daquela produzida por homens, não no sentido de exprimir, reforçar uma essência, uma subjetividade feminina, mas por se tratar de uma escrita que, em alguma medida, se pretende transgressora e revolucionária. Nesse sentido, uma escrita que visa “quebrar com tramas opressivas e de aprisionamentos do pensamento masculino, já postos pela linguagem, por conseguinte pela comunicação, concepções de mundo e pelas relações de poder” (SANTIAGO, 2010, p. 23). A literatura afro-feminina, por sua vez, consoante Ana Rita Santiago (2010), é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui de temas femininos feministas negros comprometidos com estratégias políticas emancipatórias e de alteridades.

Tendo se afirmado e dinamizado no século XX, quando mais mulheres negras começam a publicar os seus escritos, a literatura afro-femi-

nina cada vez mais se consolida como uma vertente literária de múltiplas potências. Pois, “mesmo com todas as interdições, os silenciamentos e a marginalização no interior dos sistemas literários a que pertencem, as mulheres se rebelam contra o preestabelecido, resistem ao preconceito” (GUIMARÃES, 2014, p. 12). Como prova dessa resistência podemos citar Antonieta de Bairros (1901-1952) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977). A primeira, além de publicar *Farrapos de ideias* (1937), também fizera com que a sociedade catarinense lesse os seus textos literários publicados nos jornais da época. A segunda, fez o inimaginável para uma catadora de recicláveis e tornou-se uma das escritoras brasileiras mais lida e conhecida nacional e internacionalmente. Embora, ao mesmo tempo, até ontem ou ainda hoje, sejam desconhecidas por um público considerável, inclusive em formação em escolas e universidades, como atestou a pesquisa realizada por Souza e Moreira (2015).

Antonieta de Barros e Carolina Maria de Jesus não foram as únicas mulheres negras a escrever no século XX. Existem muitas outras, dentre as quais destacamos Geni Guimarães, Alzira Rufino, Sônia Fátima Conceição, Lourdes Teodoro etc. Baianas, nesse período, Aline França e Fátima Trinchão foram uma das poucas afrodescendentes que conseguiram publicar e, em certa medida, reinventar a literatura produzida na Bahia, ao trazer à público uma nova forma de representar a cultura afro-brasileira.

Nascida em 1948, em Teodoro Sampaio-Ba, Aline França despontou no cenário literário a partir da década de 70, quando além de tornar-se funcionária pública da Universidade Federal da Bahia, publica a sua primeira obra. A novela *Negão Dony* (1978) é o seu livro de estreia, no qual narra histórias de um funcionário do manicômio do Estado, que conhece bastante o candomblé. Em 1985, uma segunda obra é publicada, desta vez, *A mulher de Aleduma*, cuja narrativa é uma epopeia. Neste livro, são exaltadas as populações africano-brasileiras, cujos feitos configuram-se como uma reinvenção de suas origens e de lutas em prol da sua afirmação.

Devido ao sucesso da obra *A mulher de Aleduma*, Aline França foi entrevistada por jornalistas de diversas partes do Brasil e de outros países como Nigéria, Bélgica, Alemanha, Estados Unidos, Itália e Holanda. Portanto, obteve certo reconhecimento crítico no meio literário baiano, mas nada disso impediu que anos mais tarde a sua escrita caísse no ostracismo, fazendo com que as suas obras ficassem quase inacessíveis. Mesmo o terceiro livro publicado, *Os estandartes* (1993), que narra a história do povo *fortiafri*, comunidade que tem a missão de alertar o mundo sobre a espiritualidade e a preservação da natureza, apesar de

mais recente, não se encontra facilmente à venda. No entanto, concordando com Ana Rita Santiago:

Suas novelas foram publicadas em um período importante para a construção de uma literatura não mais tão marcada por projetos estéticoideológicos de protestos, denúncias e reivindicações de demandas sociais e políticas, mas também desenhada por abordagens culturais e étnico-raciais. A novidade de suas obras reside em um protagonismo feminino negro baiano da novelista em lidar com questões sociais e culturais de negros/as com a mitologia e o fantástico, criando narrativas que evidenciam uma transformação mítica da realidade (SANTIAGO, 2010 p. 99).

Pode-se então inferir, que por mais inovadora que a escrita afro-feminina seja, ainda assim será punida com o anonimato. E trata-se de um anonimato complexo, pois retira do negro a legitimidade de ser escritor. É o que ocorre com Aline França, que mesmo adotando um modo de escrita mais voltado para a mitologia e o fantástico, pondo à mostra toda a sua capacidade criativa, sofre com a marginalização. A esse respeito, Lívia Natália é muito assertiva, ao afirmar que a “acintosa ausência de mulheres negras no cânone literário brasileiro pode ser justificada mais pelos processos de invisibilização e minoração do valor estético de seus textos que por qualquer questão relativa à sua potência criadora” (SANTOS, 2011, p. 113).

Essa não é uma constatação apenas de Lívia Natália, a pesquisadora Ana Rita Santiago (2010) reconhece que as produções literárias de mulheres negras ainda estão ausentes de inventários da literatura feminina, bem como de diversas instâncias acadêmicas, artísticas e culturais. Foi o que constatou, como já citado, a pesquisa de Souza e Moreira (2015), que encerra reafirmando-reforçando a importância da inclusão desta literatura de autoria feminina negra na sala de aula. Esses relatos nos levam a concluir que as práticas de apagamento da escrita feminina, por uma série de razões, atingem mais intensamente as escritoras negras. Seja porque elas enfrentam relações desiguais, inclusive do ponto de vista étnico e não apenas de gênero, reforçando a interseccionalidade de marcas excludentes, como nos alerta Kimberlé Crenshaw (2002) e problematiza, complexifica Carla Akotirene (2019), seja porque as redes e tradições literárias e científicas insistem em acusar a produção literária de autoras afro-brasileiras de essencialista, como também pontua e desfaz essa ideia, em relação ao parâmetro cientificista, com sua escrita-depoimento, seu movimento reflexivo de corpo, Grada Kilomba (2019).

Há de se ressaltar que essa acusação de essencialismo não procede, pois, em geral, a literatura afro-feminina, longe de minimizar ou confundir um gênero discursivo com a cor da pele ou sexualidade, apenas demonstra o quanto a literatura que se quer imaginária, pode ser comprometida com ideais emancipatórios, anti-patriarcais e antirracistas. Esse comprometimento é notório na escrita de Fátima Trinchão, escritora natural de Euclides da Cunha, que dispõe de um amplo projeto literário. Nascida em 1959, Fátima Trinchão é autora de contos e poemas, sendo este último gênero mais exercitado pela autora. Poeta desde a juventude, ela inicia a sua trajetória de escritora publicando em jornais, em especial, no jornal *A Tarde*.

No *A Tarde*, em 1978, Fátima Trinchão publicou a poesia intitulada “Contemplação de uma Vida”; no ano seguinte, no mesmo jornal, ela publica o conto “Roda Viva”; e em 1985, o poema “Deus”. Como possui uma única obra individual publicada, ou seja, um livro, Fátima Trinchão também investe em antologias poéticas; em 1986 publica na *Antologia Poética Hagarab* – Editora Contemp – em 2006 na *Antologia Revista CEPA*, 2008 na *Antologia Salvador – 460 anos*, em 2009 *Cadernos Negros*, vol. 32, dentre outras. Mas, apesar de tantas produções e até publicações, tal qual Aline França e muitas outras escritoras negras, Fátima Trinchão é quase desconhecida no cenário literário baiano.

E, talvez, para que seus escritos não fiquem completamente no limbo e seu acesso seja facilitado, considerando também as dificuldades de publicação e circulação via livro, Fátima Trinchão encontrou um meio alternativo de fazer a sua literatura circular: o ambiente digital. No portal *Recanto das Letras*, talvez a maior comunidade literária do país, a escritora baiana disponibiliza um acervo considerável de textos poéticos, contos e outros gêneros textuais. Dessa forma consegue ir driblando as interdições de várias ordens que precisa superar, para afirmar-se escritora e ir construindo seu projeto literário, que teve início no século XX, e, entretanto, só se consolida no século XXI.

Nesse sentido, dada a importância da produção literária de Fátima Trinchão, buscaremos analisar, a seguir, a poética dessa escritora com o intuito de destacar o potencial lírico e sonoro de alguns de seus poemas publicados no suporte digital. Nesta análise, vale ressaltar, o foco será em torno dos textos poéticos que versem sobre ancestralidade e tragam uma representação d’África. Por isso, dentre os vários temas sobre os quais Fátima Trinchão escreve, escolhe-se os poemas que se concentram no espectro cultural africano e afro-brasileiro.

### **Ecos de ancestralidade na poética de Fátima Trinchão**

As sociedades africanas, como é sabido, se empenham para preservar o elo com os seus ancestrais, e a conexão com os antepassados é mais do que uma mera genealogia. Para os africanos, os ancestrais são personagens do mundo dos vivos que por suas ações em benefício da sua comunidade, se tornaram notáveis, foram divinizados. Pois, na sua compreensão, a vida não termina com morte, aquele que morre passa por um processo divino de continuidade da vida. Por isso a crença, por parte dos africanos e também dos afro-brasileiros constituídos na diáspora, na existência de uma força vital emanada pelos mortos que liga o mundo real ao mundo místico.

Na cultura afro-brasileira, o atabaque, instrumento musical de origem africana utilizado em ritos religiosos afro-brasileiros, funciona como elemento de ligação entre o universo místico e o mundo dos vivos. Por esta razão, tem um significado ancestral para os africanos e os afrodescendentes, que, de forma simbólica, o referenciam na literatura com o fim de fazer ecoar ancestralidade. No poema “Ao som dos atabaques”, de Fátima Trinchão, como o próprio título anuncia, será a sonoridade, o ressoar das batidas que permite a voz poética reencontrar os seus antepassados, conforme pode-se verificar:

Eu estava ali e em pé  
sob o sol quente  
De um dia claro de verão.  
Comecei a escutar ao longe,  
Vozes e sons de atabaques,  
Fechei os olhos para ver  
De onde vinham....  
Vinham de longe,  
Vinham subindo a ladeira....  
De olhos fechados ainda  
Ouvi vozes que se uniam  
Aos toques dos atabaques,  
E vinham subindo a ladeira.  
E dentro daquele canto,  
Meus parentes,  
Meus avós, (TRINCHÃO, 2009)

O toque dos atabaques levou o eu-poético a outra dimensão, e ao fechar os olhos recolhendo em si mesmo, notou que naquele canto, dentre as vozes que se misturavam, podia ouvir os seus parentes, sentia a presença de seus avós. Deste modo, ainda que não fosse possível vê-los, reconhecia-os, podia conectar-se aos seus ancestrais. Pois, ancestralidade é um encontro, um reencontro com o nosso passado. De acordo com José Mesquita (2016, p. 94), é a ancestralidade “que me diz de onde venho, que



me dá segurança, que me permite enxergar com a pele as marcas de meus antepassados que me constituíram”.

Mas também, conforme Adilbânia Machado (2014, p. 201), “a ancestralidade é uma saudade que nos acompanha por todo tempo do nosso existir, é rio, mar, é nuvem, é terra, é vida. Ancestralidade é um recomeçar sempre, reconstruir, ser em movimento!”. Essa noção de ancestralidade está inscrita no poema “Ao som dos atabaques”, de Fátima Trinchão. Neste texto poético, além do elo ancestral, o eu-poético enfoca a memória coletiva dos afro-brasileiros, que, na diáspora, termo que pode ser compreendido segundo José dos Santos (2008), como dispersão forçada, ou como prefere Roland Walter (2011), um entre-lugar geográfico e temporal, perdeu alguns elementos da cultura africana, ressignificou outros e experimentara novas experiências. Então, no trecho abaixo transcrito, a saudade se faz presente, parece acompanhar a narrativa:

Um idioma esquecido,  
Lembranças revisitadas,  
Companheiros que partiram,  
Saudades de quem não vi,  
Relembrações de tantas histórias...  
Cheiros de tantas comidas...  
Comensais, batuques, senzalas...  
Panos de tantas costas...  
A porta do nunca mais... (TRINCHÃO 2009)

Obrigados a falar a língua daqueles que os escravizavam, os africanos desaprendiam o seu idioma materno, e quando o conservavam não o transmitiam-ensinavam às próximas gerações, o que fez com que os afrodescendentes sequer falassem a língua de seus ancestrais. Por isso, o eu-lírico, em tom de saudade, sinaliza um idioma esquecido. Mas a saudade não se limita somente a isso, se estende aos companheiros que partiram, seja para uma outra dimensão cósmica, seja para terra da qual um dia fora capturado, como era o caso dos africanos escravizados no Brasil. A saudade do eu-lírico é por um passado que jamais voltará, mas que está guardado na memória. Assim, em outro trecho do longo poema “Ao som dos atabaques”, de Fátima Trinchão, ao voltar-se para o passado, o eu-poético finalmente consegue ver os seus ancestrais:

E eu estava ali e de pé,  
Sob o sol quente de  
Um dia claro de verão.  
Passavam por onde estava,  
Abri os olhos e vi,

O povo que caminhava,  
Numa marcha compassada,  
De branco todos estavam,  
Abri os olhos e vi,  
Os braços que abraçavam,  
Num abraço que estreitava,  
Mãos que entrelaçavam,  
Numa corrente sem aros,  
Entre presente e passado, (TRINCHÃO, 2009).

Ao abrir os olhos, o eu-lírico visualiza os seus ancestrais a compartilhar afeto num cruzar de braços que forma uma corrente de ligação entre presente e passado. Esta ligação reforça o sentido de ancestralidade, visto que esta incorpora tudo que passou e acontece, configurando-se, segundo Eduardo de Oliveira (2005, p. 258), em “um território sobre o qual se dão as trocas de experiências: sígnicas, materiais, linguísticas”. Isso explica o porquê de nas culturas africanas e afro-brasileiras a figura do griot ter uma importância essencial no seio das comunidades tradicionais. Na África Ocidental, o griot se incumba de preservar e transmitir as histórias, conhecimentos, canções, e mitos referentes aos antepassados de seu povo. Griot, em síntese, é o guardião da memória ancestral.

Os griots, quase sempre, são anciãos responsáveis por transmitir aos mais novos as memórias ancestrais da comunidade, por meio da narração de histórias. E a velhice é uma das características mais relevantes de um griot, uma vez que um narrador de memórias precisa ter, antes de tudo, memórias para narrar, as quais, sabe-se, advêm da sabedoria e experiência de vida. Por isso, no poema intitulado “Tradições”, Fátima Trinchão evoca o griot de maneira a ressaltar a sua importância no interior das culturas africanas, como pode-se observar:

Se calarem o “griot”  
Quem dirá das savanas,  
desertos e planícies livres,  
verdes e adsolutas  
do continente africano?  
E quem dirá de sua luta,  
de sua história,  
de sua fome,  
de sua glória?  
Quem falará dos heróis,  
dos deuses e dos mortais,  
Quando não mais houver  
quem fale? (TRINCHÃO, 2008)

Segundo A. Hampaté Bâ (2010), na cultura africana tradicional os conhecimentos de toda espécie são pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança, vale ressaltar, ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, que são a memória viva da África. Nessa perspectiva, o eu-poético ao refletir sobre a “extinção” do griot, acaba confirmando a importância da oralidade para a comunicação da história africana. Então, a ênfase no verso “se calarem o griot” serve para mostrar a existência de uma tradição oral de narrar o continente africano, desde as suas savanas ao culto aos deuses e heróis, que está em movimento graças à atuação dos griots.

Nos versos finais do poema “Tradição”, o próprio eu-lírico anuncia o que seria a tradição africana sem a figura do griot. Deste modo, se calarem o griot, defende o eu-poético, perde-se a história do presente e do passado, porque não haverá quem a conte. As guerras, as glórias, as batalhas e as savanas deixarão de existir, pelo menos na memória do povo, porque não haverá quem fale a respeito. O tempo não guardará quem fomos, pois o passado cairá no esquecimento e quem somos e no que nos tornaremos já não terá mais importância alguma. Portanto, o poema “Tradição” defende a perpetuação dos contadores de histórias, tal e qual percebe-se abaixo:

Quem falará do passado,  
se calarem o griot ?  
se calarem o griot,  
perderemos nossa história,  
não tem guerras,  
não tem glórias,  
nem batalhas,  
nem savanas.  
Nos prados,  
o leão não mais urrará,  
infundindo terror.  
Nem o vento falará,  
nem o tempo guardará,  
o que fomos  
o que sou,  
se calarem o griot (TRINCHÃO, 2008)

Nota-se tanto em “Tradição”, quanto em “Ao som dos atabaques”, ambos os poemas da poeta Fátima Trinchão, que há nuances de ancestralidade a ecoar dos versos carregados de sonoridade. O passando ancestral, nos dois textos, demonstra o interesse da escritora em evidenciar a sua relação com a África e suas culturas. Escritora diaspórica, Fátima Trinchão produz uma escrita feminina alicerçada na afro-brasilidade, referenciando,

por vezes, elementos culturais originários do continente africano, mas que ganhara uma nova ressignificação pós-diáspora, como é o caso dos griots e o atabaque. Ressignificação que é empreendida a partir desta relação com a ancestralidade, com o ontem e o hoje, apontando o reencontro com a África-mãe como berço da criação.

### **África-mãe: berço da humanidade**

A ideia de uma África configurada como mãe e terra, segundo Donizeth Santos (2012), foi um resgate promovido pelo Pan-africanismo, no final do século XIX e início do século XX, momento histórico em que o negro se voltava para a descoberta de sua origem e mais tarde criaria inúmeros movimentos culturais. Assim, movimentos negros organizados como o *Renascimento negro-americano*, *Negrismo cubano* e *Negritude francófona* transformaram a Mãe-África em uma das principais recorrências temáticas presentes nas literaturas africanas e afro-diaspóricas.

Na literatura afro-brasileira, a África metaforizada em mãe surge nos textos dos escritores negros após a difusão, no Brasil, dos ideais pan-africanistas, em voga durante a década de 1950. À época, os movimentos pan-africanistas propunham o “resgate dos valores culturais africanos, a correção das distorções históricas em relação ao negro, uma solidariedade negra para além da geografia ou da classe, o assumir-se com orgulho a condição de negro e a fidelidade a origem africana” (SANTOS, 2012, p.68). O objetivo desses movimentos era reverter a imagem negativa que o Ocidente havia construído sobre o continente africano, de modo que os negros da diáspora, incluindo os afro-brasileiros, ainda que não soubessem o país de origem de seus ancestrais, pudessem ao menos se orgulhar de ter suas raízes na África.

Nesse sentido, na textualidade afro-feminina a África mistifica-se como o grande continente, a grande *mater* da raça negra, sendo comum que os afrodescendentes em seus escritos literários a denomine de Mãe-África, Mãe-Terra e Mãe-Negra. Contrariando o pensamento branco-ocidental, que considera o Ocidente, conforme Achile Membe (2014), o centro do globo, o berço da vida universal e da verdade da humanidade, a literatura afro-brasileira transfere à África esse lugar de protagonismo. Por isso, no poema “África”, Fátima Trinchão refere-se ao continente africano como o lugar de origem de todos os seres humanos:

Velho mundo novo,  
 Eterna mãe generosa e forte  
 De toda a humanidade.  
 Estás em todos nós  
 E nós estamos em ti,  
 Seu sangue pulsa em  
 Cada humano coração (TRINCHÃO 2010)

Fazendo um trocadilho para se referir a modernidade e ao passado africano, evidente no verso “Velho mundo novo”, Fátima Trinchão constrói uma narrativa poética que deixa entrever a ideia de maternidade, no sentido metafórico do termo. Maternidade potencializada pela criação, como força política, narrada pelo olhar descolonizador, antirracista da poeta. Desta maneira, a África não apenas é a mãe dos africanos e afrodescendentes, como geralmente se associa, é a mãe de toda a humanidade, para além da divisão de classes, de raças. Portanto, o sangue africano pulsa em cada coração humano, já que todos possuem a mesma origem. Em outro trecho do mesmo poema, fazendo uma alusão ao tráfico negreiro responsável pela dispersão massiva dos filhos d’África, o eu-lírico reafirma a sua ligação com o continente:

Não importam os tantos e  
 Tantos exílios,  
 Somos todos teus filhos!  
 Não importam as tantas e  
 Tantas correntes,  
 Filhos do vento  
 Que somos,  
 Somos frutos de suas  
 Sementes! (TRINCHÃO, 2010)

Apesar do exílio dos africanos, sobretudo no período da colonização europeia, os descendentes dos exilados são filhos de África também, visto que, conforme anuncia os versos, são filhos de suas sementes. Daí o sentimento de pertença de muitos afrodescendentes em relação à África. Vale destacar ainda, que os laços ancestrais com a terra *mater* não se perderam por completo no processo da diáspora, por isso mesmo sem sequer ter pisado em terras africanas, os sujeitos negros diaspóricos sentem-se pertencentes aquele torrão, de onde seus ascendentes vieram. Além disso, como inferimos no poema, voltar-retomar a África-Mãe torna-se condição para se poder respirar os ventos da liberdade.

Os negros brasileiros em particular, devido a capacidade extraordinária de atravessar os períodos da colônia e do império, em condições de exploração e desvalorização, sustentaram por meio de estratégias diver-

sas “ a possibilidade de manter viva a consciência da origem, a memória, mesmo que residual, do grupo, das suas vivências e da sua conexão com a raiz, a Mãe África” (RIBARD, 2008, p. 2007). O que explica a constante tentativa por parte dos afro-brasileiros de conectar-se ao continente africano, ainda que seja por meio da criação literária, como fez Fátima Trinchão em seu poema *África*, no qual ressalta a existência de um cordão umbilical comum a todos os homens, visível nos versos abaixo:

Não importa que nome  
Tenha,  
Nem limites,  
Nem fronteiras,  
Oceania,  
Ásia ou América,  
A África é toda a terra,  
A África somos nós! (TRINCHÃO, 2010)

Nesses versos finais do poema “África”, a poeta Fátima Trinchão reitera que o continente africano é o lugar de origem da humanidade, ao afirmar que África é toda a terra, pelo fato de em todos os cantos do mundo se encontrar os filhos da terra *mater*. Desta maneira, a África está personificada em todos nós, pois, trazemos conosco a essência da Mãe-África. Assim como filho gerado no ventre da mulher se torna carne da carne da sua mãe, a humanidade tendo sido gestada em solo africano, torna-se parte integrante d’África. Com esta representação, a poeta baiana reverte a imagem depreciativa forjada pelo Ocidente a respeito do continente que deu origem a vida. Posto que:

A imagem deste continente como “selvagem”, “violento”, condenado a um perpétuo “estado de natureza” se relaciona com a visão eurocêntrica que identificou e definiu a África como continente bárbaro, inferior e não desenvolvido, corolário necessário à legitimação ideológica da escravidão e mais tarde do intervencionismo colonialista e imperialista (RIBARD, 2008, p. 203).

Decerto, a África não é nem nunca foi um paraíso, mas esta imagem ocidentalizada a seu respeito resume-se em uma única palavra: estereótipo. Ao atribuir ao continente africano a selvageria, a violência, a barbárie, o “atraso” econômico, social e cultural, o Ocidente nega que essas características, em maior ou menor grau, são comuns a todas as sociedades humanas. Os países africanos, como qualquer outro país do mundo, possuem as suas particularidades, suas problemáticas complexas e, por vezes, acentuadas ou escamoteadas em sua interrelação com o mundo, e Fátima

Trinchão, em seu poema denominado “Piedade à Darfur,” evidencia isso por meio de uma linguagem poética assentada no social.

Em “Piedade à Darfur”, Fátima Trinchão novamente invocando a metáfora da África-mãe, tematiza sobre o sofrimento dos filhos d’África causado pela seca. Neste poema, especificamente, a poeta se refere ao povo de Darfur, sobretudo às crianças, que são mais vulneráveis às consequências da falta de chuva. Por isso em versos candentes que expressam o lamento do eu-poético, clama por piedade ao Senhor, na tentativa de aliviar os gritos de dores lançados ao ar, evidente na estrofe transcrita:

O sol escaldante castiga o tórrido chão da África-mãe  
Que debalde lança ao ar, seus gritos de dores diante  
De lágrimas, tantos horrores, angústias, soluços,  
De leste a oeste  
De norte a sul,  
Piedade piedade,  
Piedade Senhor,  
para as crianças de Darfur (TRINCHÃO, 2009)

Localizado na região Oeste do Sudão, Darfur é um dos lugares mais áridos e inóspitos do continente africano, tanto devido à fatores climáticos quanto em razão dos contínuos conflitos armados. Durante a longa guerra civil ocorrida entre 2003 a 2009, segundo Camila Braga (2012), em Darfur morreram 2 milhões de pessoas e mais de 5 milhões foram deslocadas. Palco de constantes disputas entre grupos políticos rivais, milhares de pessoas continuam morrendo por violência, fome ou doença – e cerca de 2 milhões de pessoas vivem em campos de refugiados. Tudo isso contribuiu para que as pessoas de Darfur ficassem ainda mais vulneráveis.

Devido à seca e aos complexos conflitos armados, no Darfur há escassez de alimentos e o que deveria ser essencial, acaba sendo uma raridade para toda uma massa de homens, mulheres e crianças sedentos por água e comida. Portanto, neste contexto, não é incomum a formação de filas quilométricas para aquisição de algo que possa matar a fome e a sede. No entanto, apesar de todo sofrimento, Fátima Trinchão consegue transformar a dor do povo de Darfur em poesia ou, através da poesia, traduzir essa dor. Na estrofe abaixo, nota-se a referência da poeta ao drama vivenciado pelos filhos d’África que tem fome:

E em filas e filas quilométricas, imensas,  
Das ruas estreitas, das ruas desertas,  
Buscando alimentos, sedentas,  
Mulheres tão fracas,  
tão frágeis, tão fortes,

Trazendo nos seios crianças famintas,  
Naquelas planícies no norte e no sul,  
Piedade piedade,  
Piedade Senhor, (TRINCHÃO, 2009)

Nesse trecho do poema “Piedade a Darfur”, a poeta Fátima Trinchão cria um paradoxo para ressaltar a capacidade de resistência das mulheres africanas, tão frágeis e tão fracas devido à condição sub-humana na qual vivem, mas ao mesmo tempo tão fortes dado o esforço delas para sobreviver e assim não deixar morrer as suas crianças famintas. É para essas mulheres fragilizadas pelas adversidades climáticas e pelos desmandos dos homens que o eu-poético, no trecho citado, clama por piedade ao Senhor. Então, em vez de reforçar os estereótipos cristalizados sobre o continente africano, a poeta Fátima Trinchão lança luz sobre os problemas enfrentados pelo povo do Darfur e transforma a dor dos filhos da Mãe-África em matéria poética. Matéria, como demonstra sua feitura poética, a ser repensada, realinhada, transmutada pela força criadora humana, de um outro humano, certamente amplo e não assentado em desigualdades, que precisa retomar a Mãe África, como faz e sinaliza Trinchão, para que este ato criativo se potencialize e a humanidade renasça.

### **Conclusão**

No conjunto das letras nacionais, a literatura afro-feminina tem sido uma das vertentes literárias mais importantes para a construção de novas narrativas ficcionais, para o aparecimento de novos talentos no circuito cultural brasileiro. Por esse motivo, mesmo que de maneira tímida, começa a ser legitimada em espaços como a universidade, hoje mais aberta às vozes que surgem às margens. Passou a assumir um protagonismo fora do reduzido círculo de leitores, conquistados, ao longo de anos, por escritoras e escritores, que inscreveram na literatura brasileira a sua afro-brasilidade.

Nessa perspectiva, pode-se inferir que a produção literária de Fátima Trinchão traz os signos da afrodescendência, marca singular da escrita-afro-feminina, e por vir à público também mediante meios alternativos de publicação, revela a dificuldade de a mulher negra ser escritora. Contudo, conforme constatou-se com a realização deste estudo, mesmo com as interdições do mercado editorial, escritoras como Fátima Trinchão conseguem fazer circular as suas produções literárias, fazendo ressoar suas vozes silenciadas.



Como pudemos ver, através desse recorte da poesia de Fátima Trinchão, a ancestralidade, promovendo o reencontro com o passado, o retorno à África-Mãe, torna-se, na sua escrita, mecanismo de enfrentamento na diáspora, de luta e de reafirmação, inclusive da sua escrita criativa, da potência crítica e reflexiva de seus textos poéticos, que nos convidam a afirmar a importância destes circularem ainda mais. Importância de serem publicados/visibilizados/disseminados, de atravessarem mares e muros, de se fazerem presentes cada vez mais nas escolas, nos arquivos, nas universidades etc., como condição primordial para se retrabalhar a sensibilidade, as conceptualidades, a formação humana, na linha da produção de outros conhecimentos sobre o mundo, o Ocidente, a África e a si. Dessa forma, Fátima Trinchão reverte, ressignifica a imagem da África, através de seu movimento poético descolonizador, que nos lança a outro mar de signos, rearranjado na sua poesia como forma de se desfazer as desigualdades, as injustiças, e reconstruir, recriar a humanidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil -pensando a existência. **Revista da ABPN**, v. 1, n. 3, p. 181-189, fev. 2011.
- BÁ, A. Hampaté. A tradição viva. KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.
- BRAGA, Camila de Macedo. **As estratégias internacionais de prevenção à violência em massa e a “nova guerra” no Darfur**. 2013. 178 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais. Puc, São Paulo, 2013.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v.10, n.1, p. 171-188, 2002.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, Rio Grande do Sul, v. 42. n. 4, p. 19-31, 2007.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. **Terra Roxa**, Londrina, v. 17, p. 6-18, dez. 2009.
- FILHO, Proença Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. Escritas de mulheres: cotidiano, força e rebeldia. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 9-18, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas**: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira. 2014. 240 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2014.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. Marta Lança. Antígona 2014.

MESQUITA, José Rinardo Alves. **Corpo e ancestralidade em danças negras brasileiras contemporâneas**: processos de pertencimento afro no ponto de cultura galpão da cena- Itapipoca-CE 2016. 197 f. Dissertação (Mestrado em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Redenção, 2016.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais. **Revista Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 7, n. 13, p. 71-88, 2015.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. 2005. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

RIBARD, Franck Pierre Gilbert. África, mãe negra do Brasil ou apontamentos para uma nova consciência multicultural. In: RIOS, Kênia Sousa; FURTADO FILHO, João Ernani (orgs). **Em tempo: história, memória, educação**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

RIBEIRO, Djamilá. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

SANTIAGO [DA SILVA], Ana Rita. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. **Fólio — Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 20-27, 2010. (a)

SANTIAGO [DA SILVA], Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras baianas**: identidades, escrita, cuidado e memórias de si em cena. 2010. 255 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010. (b)

SANTOS, Donizeth. Representações da Mãe-África na literatura angolana. **Revista Trama**, V. 3, n.6, p.27-42, 2007.

SANTOS, Donizeth. Representações da Mãe-África nas poesias moçambicana e afro-brasileira. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Vol. 5, n° 9, p. 67-78, 2012.

SANTOS, José Antônio. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR., (Org.) **Desvendando a história da África** [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SANTOS, Livia Maria Natália de Souza. Poéticas da diferença: a representação de si na lírica afro-feminina. **Cor das Letras** — UEFS, n. 12, p.105-124, 2011.

SOUZA, Taíse Campos dos Santos Pinheiro de; MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Escritoras subalternas negras: por que incluí-las nas aulas? **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana: Gepiadde, vol 19, set/dez, 2015.

TRINCHÃO, Fátima. **Tradições**. Disponível em <<https://www.recantodasletras.com.br/poesias/1278348>> Acesso em 25/05/2020.

TRINCHÃO, Fátima. **Ao som dos atabaques**. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/poesias/1960717>> Acesso em 25/05/2020.

TRINCHÃO, Fátima. *África*. Disponível em <<https://www.recantodasletras.com.br/poesias/2622488>> Acesso em 25/05/2020.

TRINCHÃO, Fátima. **Piedade à Darfur**. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/poesias/1525699> Acesso em 25/05/2020.

WALTER, Roland. O espaço literário da diáspora africana: reflexões teóricas. **Cor das Letras** — UEFS, n. 12, p. 9-34, 2011.